

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
DE SE TIRAR O CHAPÉU
27 de agosto de 2022

CHARLIE AND THE CHOCOLATE FACTORY / 2005 (*Charlie e a Fábrica de Chocolate*)

um filme de Tim Burton

Realização: Tim Burton / **Argumento:** John August, segundo o conto de Roald Dahl / **Fotografia:** Philippe Rousselot / **Direção Artística:** Alex McDowell / **Montagem:** Chris Lebenzon / **Música:** Danny Elfman / **Intérpretes:** Johnny Depp (Willy Wonka), Freddie Highmore (Charlie Bucket), David Kelly (Avô Joe), Helena Bonham Carter (Sr^a Bucket), Noah Taylor (Sr Bucket), Missi Pyle (Sr^a Beauregarde), James Fox (Sr. Salt), , Deep Roy (Oompa Loompa), Christopher Lee (Dr. Wonka), Adam Godley (Sr. Teeve), Franziska Troegner (Sr^a Gloop), Annasophia Robb (Violet Beauregarde), Júlia Winter (Veruca Salt), Jordan Fry (Mike Teeve), Philip Wiegratz (Augustus Gloop), etc.

Produção: Richard D. Zanuck, Brad Grey / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa, em 35mm, colorida, versão original legendada em português, 114 minutos / **Estreia em Portugal:** 11 de Agosto de 2005.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

Primeiro foi o conto de Roald Dahl, um conhecido autor de histórias para crianças e de contos fantásticos, muitos deles adaptados para a televisão (séries como **Twilight Zone**), que foi casado com a atriz Patrícia Neal (a de **The Fountainhead**, de King Vidor). Uma história moralista sobre os perigos da gulodice, publicada em 1964 e que se tornou depressa num «best-seller» da literatura infanto-juvenil. Depois veio a adaptação ao cinema feita por Mel Stuart em 1971: **Williy Wonka and the Chocolate Factory/A Maravilhosa História de Charlie**, onde Gene Wilder era um estranho Willy Wonka. Mais de três décadas depois é a vez de Tim Burton de adaptar a história da fábrica de chocolates ao seu insólito universo. Como a anterior, a nova versão explora uma vertente musical, mas as semelhanças ficam-se por aí. Burton transforma radicalmente a história, mesmo que mantenha a base da intriga: a visita à fábrica de Willie Wonka por cinco crianças escolhidas por «sorteio». Um sorteio que consiste da venda de tabletes de chocolate, com o engodo de se encontrar um dos cinco bilhetes dourados, convites para a visita. Esquemas que fazem parte do marketing de qualquer produto do género, destinados ao aumento das vendas, e que, desde logo, faz uma discriminação entre os interessados: Veruca, graças ao dinheiro do pai pode comprar toneladas de tabletes até encontrar um dos bilhetes. Charlie, por seu lado, apenas pode contar com a sorte.

Charlie and the Chocolate Factory é a segunda incursão de Tim Burton na obra de Roald Dahl, após **James and the Giant Peach**, um filme de animação de 1996 de que Tim Burton foi responsável como produtor, tendo sido dirigido por Henry Selick (colaborador de Burton no conhecido **A Nightmare Before Christmas**). Não sendo muito fiel ao original na estrutura narrativa, Burton acaba por sê-lo muito mais ao seu espírito: sendo uma fábula «moralista», é também uma obra que se desvia da norma, marcada por uma certa perversão

que faz dela uma história muito «incorrecta», especialmente no retrato que dá das personagens, e não só das «negativas», como os quatro «monstrosinhos» que acompanham Charlie na visita, e respectivos progenitores, como também nas «positivas»: o sonhador Charlie acaba por ser o que melhor se adapta ao princípio da realidade acabando por se impor a Willy Wonka com o seu conceito de família. Quanto a Wonka, a quem o anterior intérprete, Gene Wilder, dera uma ambiguidade quase escabrosa, transforma-se numa espécie de boneco politicamente incorrecto, com uma inocência perversa que tanto se identifica com outras personagens de Burton (Edward Mãos de Tesoura, o Pinguim de **Batman Returns**, por exemplo), como projecta mais de uma referência (involuntária?) a um nome bem conhecido, o de Michael Jackson. Aliás, a quem quiser não será difícil encontrar outros sinais desta aproximação, para lá da imagem: a fábrica de chocolate pode comparar-se ao famoso rancho «Neverland» do cantor, que para ele convida(va) também crianças. Esta identificação é ainda mais singular se nos lembrarmos de que Johnny Depp interpretou pouco antes o papel de J. Barrie, o «pai» de Peter Pan no filme **Return To Neverland**, e nele tinha como parceiro o mesmo garoto que interpreta o papel de Charlie, Freddie Highmore, no papel da criança inspiradora de Barrie.

Entre as alterações que Barrie fez à história original inclui-se a criação de uma infância e um pai a Willy Wonka, que, por um lado definem melhor a personagem e, por outro, levam a «moral» da história a um nível de maior ironia dando ao pai de Willy a profissão de dentista (são os dentes as primeiras «vítimas» dos doces) que acaba por reconhecer o filho... pelos dentes. Para o papel do progenitor de Willy Wonka, Burton escolheu Christopher Lee, um bem conhecido «secundário» de filmes fantásticos recentes (**Star Wars**, **Lord of the Rings**), antigo especialista de filmes de terror hoje objecto de culto, no que é uma homenagem de Burton, que fizera o mesmo com outro especialista, Vincent Price em dois filmes: **Edward Scissorhands** e a curta-metragem **Vincent**.

O mais surpreendente que **Charlie and the Chocolate Factory** apresenta é, porém, a sua concepção formal. Se, como é da regra, as imagens geradas por computador têm o papel dominante para os efeitos especiais (a criação dos clones Oompa-Loompas, o elevador omnidireccional, a cidade, etc), Burton utiliza cenários «naturais» para muitos dos interiores da fábrica de chocolates, com os seus «jardins» que são também verdadeiras orgias de cor. talvez nenhum filme recente tenha sabida explorar tão bem a cor como este filme que recorda, por vezes, nos interiores da fábrica o cinema clássico de Hollywood nos primeiros anos da utilização do Technicolor. Daí que o filme seja, também, uma evocação desse cinema, como uma série de «referências» cinéfilas tanto nessas imagens, que lembram as de **The Wizard of Oz**, como as dos números musicais por onde passa a memória de um Busby Berkeley. Mas a homenagem mais transparente é feita ao clássico de Stanley Kubrick, **2001, a Space Odyssey**, com a sequência do miúdo fanático de televisão.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico